

LOGOTERAPIA E CULTURA SURDA: ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO SENTIDO DE VIDA PARA O CONTEXTO DE PESSOAS SURDAS

LOGOTHERAPY AND DEAF CULTURE: ADAPTATION AND VALIDATION OF QUESTIONNAIRE MEANING OF LIFE FOR THE CONTEXT OF DEAF PEOPLE

Karen Guedes Oliveira, *Faculdade Maurício de Nassau*

Thiago Antônio Avellar de Aquino, *Universidade Federal da Paraíba*

Resumo. O presente trabalho partiu da concepção de que as pessoas surdas se constituem em uma genuína cultura, posto que compartilham signos como a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O objetivo desse trabalho foi adaptar e validar o Questionário Sentido de Vida para pessoas Surdas. Para tanto, se fez necessário uma adaptação linguística desse instrumento. Contou-se com 200 Surdos de 9 estados do Brasil: Paraíba (69%), Rio Grande do Norte (5,5%), Pernambuco (3,5%), Ceará (4%), Rio Grande do Sul (4,5%), Paraná (4,5%), Minas Gerais (2%), São Paulo (5%) e Mato Grosso (2%). A amostra apresentou idade média de 28,6 (dp= 7,16), com amplitude de 18 a 56 anos, a maioria do sexo masculino (58%). Os resultados sugeriram que o instrumento administrado é pertinente para o contexto da cultura surda e foram discutidos à luz da análise existencial de Viktor Frankl.

Palavras-chave: Cultura Surda; Sentido de Vida; Adaptação; Validação.

Abstract. The present work originated from the conception that deaf people constitute a genuine culture, since they share linguistic signs, such as the Brazilian Sign Language (LIBRAS, in Portuguese). The goal of this work was to adapt and validate the Meaning of Life questionnaire to deaf people. Thus, an adaptation of this instrument was necessary. Two hundred deaf people, spread in nine Brazilian states, were interviewed, divided in the following manner: Paraíba (69%), Rio Grande do Norte (5.5%), Pernambuco (3.5%), Ceará (4%), Rio Grande do Sul (4, 5%), Paraná (4.5%), Minas Gerais (2%), São Paulo (5%) and MatoGrosso (2%). The sample had an average age of 28.6 (SD = 7.16), ranging from 18 to 56 years, the majority were male (58%). The results suggested that the instrument is relevant to the context of deaf culture and the results were discussed in the light of the existential analysis of Viktor Frankl.

Keywords: Deaf Culture; Meaning of Life; Adaptation; Validation.

INTRODUÇÃO

De acordo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2010), quanto ao percentual da população brasileira com deficiência, constatou-se que 23,9% da população apresenta pelo menos uma das deficiências, sendo a auditiva representada por 5,1%. Destaca-se que existe, aproximadamente, 9.730.000 pessoas com “deficiência auditiva” no Brasil e as regiões do país com a maior quantidade destas são a do nordeste e do sul, ambas com 1,2% da população, seguidas do Sudeste (1,1%), do Centro-oeste (1%) e do Norte (0,9%). Parte dessa população se constitui como uma cultura que vem se estabelecendo gradativamente como tema de estudo nas ciências sociais, sobretudo no que diz respeito ao processo de construção de identidades e alteridades, mediante os códigos da audição e da comunicação vinculados à surdez. O termo “deficiência auditiva” foi aqui utilizado mantendo a nomenclatura divulgada pelo censo do IBGE. No entanto, dentro dessa população, existem aqueles que se denominam participantes da cultura surda, isto é, Surdos que como um grupo social e pela característica cultural também se organizam.

Para se compreender esse campo torna-se necessário ter em conta as duas concepções mais predominantes (Silva, 2012): a primeira é a vinculada ao saber médico, e define a surdez como deficiência (falta de audição) e, portanto, o surdo como um diferente que aspira à condição de igualdade do ouvinte, ou seja, aponta para a condição natural do surdo a ser corrigida. A segunda se refere ao reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais

(Libras) como língua, para todos os efeitos, define a surdez em termos da diversidade linguística, o que remete aos conceitos de cultura surda, com direitos específicos, reportando-se à dimensão cultural do usuário de Libras.

O presente estudo pauta-se na segunda concepção, aquela que compreende a surdez a partir do modelo socioantropológico, ou seja, a surdez como uma particularidade étnico-linguística. Dessa forma, objetivou-se averiguar as possíveis relações entre a busca e realização de sentido em pessoas inseridas na cultura surda. Para tanto, tornou-se necessário adaptar e validar o instrumento de pesquisa aqui utilizado, o Questionário Sentido de Vida (Stegeret *al*, 2006) para a cultura surda.

O sentido da vida é considerado, baseando-se nos conceitos fundamentais da Logoterapia (Terceira Escola Vienense de Psicoterapia), a qual assegura que a problemática do sentido da vida é caracteristicamente humana. Frankl (2003) afirma que a questão do sentido da vida nunca pode ser expressão do que o homem tenha de doentio, mas é a expressão precisamente do que de mais humano há no homem e, dessa forma, só ele pode responder sobre o sentido da sua vida.

Desse modo, o estudo justifica-se, na medida em que se verificam poucos estudos nos campos da Psicologia, a exemplo das pesquisas de Chaves (2010), Cromack (2004) e Vasco (2009) e das Ciências das Religiões, com a pesquisa de Peixoto (2011), uma vez que as pesquisas no contexto brasileiro com a cultura surda têm sido realizadas mais no âmbito da Educação, tais como os estudos realizados por

Dorziat (2011), Lopes (2007) e Karnopp *et al* (2011), da Linguística, como os de Gesser (2009) e Costa (2010), e na área da Antropologia com o estudo realizado por Silva (2012). Além do mais, trata-se de uma contribuição nos aspectos psicológicos para os estudos com essa cultura.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A CULTURA SURDA

Segundo Geertz (2012), cultura significa uma teia de significações compartilhada por um grupo de humanos. Nesse sentido, concebe-se a existência de uma cultura surda, já que a mesma compartilha símbolos tecidos por ela mesma e que são fundamentais para a constituição do sujeito surdo.

O antropólogo Geertz (2012, p. 4) critica o uso desenfreado do termo ‘cultura’ e propõe “(...) acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise como uma ciência interpretativa, à procura do significado”. Esse autor ainda considera que, como um sistema de signos passíveis de interpretação, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ao contrário, ela é um contexto, onde os símbolos podem ser descritos de forma inteligível, ou seja, descritos com densidade.

Desse modo, a cultura surda vem atuando como um conceito fechado e universal, tomando significado de língua, essência, experiência visual, tradução cultural, dentre

outros. Ao contrário do fenômeno observado na inclusão, a cultura surge como uma possibilidade de libertação, de especificidade, de aceitação pelos próprios Surdos. Como afirmaram Karnopp *et al* (2011, p. 132), “o espaço inclusivo muitas vezes se constitui em um lugar onde o surdo se sente hóspede, estrangeiro, e seu “encontro” com a cultura surda é significado como o retorno a sua “terra natal”, a sua essência”.

Quanto ao termo referente à surdez, faz-se necessário distinguir duas terminologias: “Surdo” (com a inicial maiúscula) trata-se de um grupo minoritário, pessoa com a condição audiológica de não ouvir e que, além dessa condição, é usuário de uma mesma língua (Libras), enquanto “surdo” (com a inicial minúscula) refere-se, de forma geral, apenas à condição audiológica de não ouvir. O presente trabalho teve como foco primordial o Surdo, isto é, aquela comunidade de pessoas surdas que partilham uma mesma cultura, isto é, a cultura surda (Honora; Frizanco, 2009).

Vale destacar ainda que seria incorreto o uso da expressão “surdo-mudo”, já que o Surdo não é necessariamente mudo, pois as pessoas surdas, geralmente, não apresentam deficiência ou limitações no aparelho fonador (Velo; Maia, 2011). Trata-se de um termo pejorativo e sem fundamento científico. Os Surdos não falam porque não aprenderam a falar, outros fazem a leitura labial e outros não.

A maioria dos ouvintes desconhece a carga semântica que esses termos, *mudo*, *surdo-mudo* e *deficiente auditivo*, evocam. É perceptível que, para muitos ouvintes alheios à discussão sobre a surdez, o uso da palavra *Surdo* pareça

imprimir mais preconceito, enquanto o termo deficiente auditivo parece-lhes ser mais adequado. No entanto,

a deficiência é uma marca que historicamente não tem pertencido aos surdos. Essa marca sugere autorrepresentações, políticas e objetivos não familiares ao grupo. Quando os surdos discutem sua surdez, usam termos profundamente relacionados com sua língua, seu passado e sua comunidade (Padden; Humphries, 1988, p 76.).

Sua língua, seu passado e sua comunidade, estes, dentre outros aspectos, consistem o motivo para que esse grupo (os Surdos) se considere constituindo uma cultura, com uma identidade própria, seus costumes, sua forma de comunicação, suas tradições, o que fortalece os laços de amizade, companheirismo e fortalecimento da cultura surda.

Durante anos, os surdos foram narrados como deficientes, como sujeitos da falta, e o discurso cultural vem proteger, socorrer, subverter essa natureza deficiente da surdez. Acredito que a noção de cultura nos últimos anos, ganhou dimensão tão ampla e voraz em discursos tão prolixos, estando estes intimamente ligados à constituição do eu-surdo (Karnopp et al 2011, p 130).

Sá (2006), em seu livro “Cultura, poder e educação de surdos”, afirma que, a despeito de os surdos não terem dúvidas quanto a suas identidades culturalmente distintas, as pessoas não-surdas tem muita dificuldade em admitir que os surdos tem processos culturais específicos; então, muitos continuam a tratar os surdos apenas como um grupo de deficientes ou incapacitados e estas representações geralmente

embasam as perspectivas comuns nas quais os surdos são narrados de forma negativa, como se fossem menos que “normal”.

Ela defende que o seu objetivo não é de absolutizar a surdez ou a audição, ou destacar a cultura surda em detrimento da cultura majoritária, mas oferecer mais uma perspectiva de análise da constituição social. Não se trata de colocar a cultura surda de um lado e a cultura ouvinte de outro, como se estivesse tratando de oposições binárias, mas trata-se da tentativa de proclamar os Surdos enquanto grupo social, que, também pela característica cultural, se organiza. Desse modo, a cultura surda refere-se aos códigos próprios dos Surdos, suas formas de organização, de solidariedade, de linguagem, de juízos de valor, de arte etc. Os Surdos envolvidos com a cultura surdas e autorreferenciam como participantes desta cultura.

A LOGOTERAPIA E A CULTURA SURDA

O Sentido da Vida e o Vazio Existencial

Na obra de Frankl, o sentido pode ser discutido sob três aspectos (Aquino, 2013), quais sejam: o sentido na vida, o sentido da vida e o sentido do mundo. O primeiro diz respeito ao sentido do momento, isto é, ao sentido relacionado a uma situação específica; já o sentido da vida refere-se ao sentido da vida como um todo de uma pessoa específica e já o último diz respeito ao sentido do universo. Aquino (2013) salienta que, para essas duas últimas perspectivas, a análise existencial não obtém uma resposta, visto que são questões mais abrangentes.

A problemática do sentido da vida é caracteristicamente humana. Frankl (2003)

afirma que a questão do sentido da vida nunca pode ser expressão do que o homem tenha de doentio, mas é a expressão precisamente do que de mais humano há no homem e, dessa forma, só ele pode responder sobre o sentido da sua vida.

O sentido é único, pois se relaciona a uma pessoa específica em uma situação específica. Então, o sentido difere de homem para homem e de situação para situação. Diante dessa perspectiva, Frankl (2011) fala da unicidade do ser e, por isso, o homem não pode ser substituído:

Em última análise, ninguém pode ser substituído, exatamente, em virtude desse caráter de unicidade da essência de cada homem. A vida de cada ser humano é absolutamente singular: ninguém pode repeti-la – ninguém pode viver a vida de ninguém, em virtude do caráter de unicidade da existência humana. Cedo ou tarde, cada ser humano único morre e, com sua morte, vão-se também todas as oportunidades irrepetíveis de realização de sentido (Frankl, 2011, p. 73).

Além do mais, o sentido é transubjetivo, uma vez que o ser humano transcende a si mesmo na direção de valores e os sentidos são encontrados, descobertos, não podem ser criados, inventados ou atribuídos. De fato, na busca pelo sentido, o ser humano é guiado por sua consciência e, segundo Frankl (2011), a consciência pode ser definida como a capacidade intuitiva do homem para encontrar o sentido de uma situação e essa capacidade intuitiva constitui o único meio para se apreender as formações gestálticas do sentido.

Vale salientar que, na busca pelo sentido, a consciência pode “desencaminhar” o homem. Frankl (2011) destaca que o indivíduo precisa aceitar a falibilidade da consciência, uma vez que a onisciência não cabe à consciência humana, dessa forma, “nunca poderemos saber, por inteira certeza, se nos dedicamos ao sentido verdadeiro” (Frankl, 2011, p. 85).

Outra advertência de Frankl está relacionada à análise existencial na psicoterapia, uma vez que o autor enfatiza que o terapeuta não deve dizer qual é o sentido ao paciente, pelo contrário, o que pode ser dito é que há um sentido para a vida, isto é, um sentido pelo qual o homem sempre esteve a buscar e ele é livre para engajar-se ou não na realização desse sentido.

Diante de uma análise fenomenológica da experiência valorativa do homem, é possível perceber que se pode encontrar sentido na vida (Frankl, 2011), seja por meio do trabalho, do amor ou do sofrimento. Isto é, o sentido do trabalho refere-se à criação de uma obra, à boa ação, àquilo que o homem dá para o mundo, enquanto o sentido do amor está no encontro de outro ser humano, em sua genuína unicidade e, por último, o sentido do sofrimento diz respeito às experiências em que o ser humano está privado da possibilidade do trabalho ou do amor e, mesmo assim, decide viver superando tais dificuldades, erguendo-se sobre as mesmas e crescendo para além de si mesmo, ou seja, admitem uma atitude de coragem e valentia, transformando seu sofrimento inevitável em uma conquista, em um triunfo pessoal. Essa análise será aprofundada, posteriormente, ao abordar as três categorias de valores.

O homem necessita de um sentido de vida para poder apresentar o direcionamento de suas ações, e principalmente para entender o porquê de sua existência. Algumas pessoas começam a duvidar desse sentido e, em geral, já desistem até de encontrá-lo. Essa situação é chamada, em Logoterapia, de vazio ou vácuo existencial. As próprias neuroses atuais devem ser atribuídas em muitos casos a tal frustração, à não satisfação da aspiração humana de possuir uma vida plena de sentido. Quando essa situação começa a se agravar e o sujeito muda a percepção de dúvida para certeza da não existência do sentido, pode-se dizer que ele apresenta o vazio existencial (Frankl, 2008).

Especificamente na situação da surdez, o ser humano pode se encontrar no estado de sofrimento e até de culpa ou mesmo se achar vítima de um castigo divino dado aos seus pais. Como pesquisadora da área e com acesso à comunidade surda, podemos perceber como essas três formas de discurso geralmente estão presentes nos Surdos.

Quanto ao sofrimento, mais em uma surdez congênita do que em uma surdez adquirida, alguns Surdos admitem as dificuldades, principalmente, relacionadas à comunicação, seja em um ambiente profissional - quando se consegue a inserção no mercado de trabalho, seja no ambiente familiar, acadêmico e social de modo geral. Tais problemas se correlacionam às dificuldades de relacionamentos interpessoais, principalmente com os ouvintes, nas quais acontecem as falhas de comunicação, “os maus entendidos”, como também, em alguns casos, a presença ainda do preconceito pelo diferente. Dificuldades também enfrentadas quando se precisam

resolver questões corriqueiras: ambientes, tais como Bancos, lojas, serviços públicos, etc. não estão preparados para atendê-los da forma como deveria ser, pois, na maioria das vezes, os estabelecimentos não possuem intérpretes de Libras ou profissionais capacitados para tal atendimento.

A culpa e o castigo. Certa vez, ouvi de alguns Surdos que a culpa de ter nascido surdo foi da sua mãe, uma vez que o filho da vizinha tinha nascido surdo e a mãe teria expressado preconceito e desvalia por aquela situação; então Deus, em forma de castigo, fez acontecer a mesma coisa com a sua mãe, fazendo o seu filho nascer com surdez. Pensamentos como esses possivelmente permeiam a mente da pessoa surda, como uma das possíveis respostas para as seguintes costumeiras perguntas: “por que comigo? Por que nasci diferente? De quê ou de quem é a culpa?”.

Vale salientar que essa é uma análise da maioria das pessoas com surdez que tenho contato e que já li a respeito, no entanto, há também aquelas que cresceram em um lar com apoio familiar e aceitação dessa condição e que, desde cedo, enfrentam a surdez com muita coragem e naturalidade.

Diante de uma análise por meio da logoterapia, pode-se conceber que a cultura surda surge como uma atualização da “força desafiadora do espírito” (Frankl, 2008) sobre a possibilidade de transformação, objetivando não necessariamente a mudança do quadro biológico e social, mas antes o desafio para mudar a si mesmo, procurando, assim, vencer o sofrimento por meio do encontro de um sentido, sendo

necessária, para que isto ocorra, a modificação de atitudes frente à vida.

Três Categorias de Valores

Para Frankl, assim como o homem, o sentido é único e singular e está na relação com o mundo; logo, a consciência é transcendente e os valores são por ela intuídos. Esclarecendo a diferença entre sentido e valores, pode-se dizer que, enquanto o primeiro está vinculado a uma situação única, os valores são sentidos universais que se relacionam com a condição humana como tal.

A realidade sempre se apresenta na forma de uma particular situação concreta e, uma vez que cada situação de vida é irrepitível, segue-se que o sentido de uma dada situação é único. Não haveria então, possibilidade alguma de os sentidos serem transmitidos pela tradição. Somente os valores – que poderiam ser definidos como significados universais – podem sofrer a influência do declínio das tradições (Frankl, 2005, p. 31).

A consciência é intencionalidade e o ser humano é atraído pelos valores, sendo por meio dos valores vivenciais, criativos e atitudinais, que há a realização de sentido. Ao homem sempre estarão disponíveis essas categorias de valores e, dependendo da circunstância, um vai parecer mais viável que outro. Haverá momentos em que a vida nos exija que realizemos algo para o mundo, por meio de uma obra, um trabalho; em outro, podemos ser enriquecidos (Frankl, 2003) através de nossas vivências, a partir da autotranscendência, por meio da qual nos doamos a algo ou alguém através de um encontro, seja com o ser amado, seja ao contemplar o pôr do sol, por exemplo. E por

último, ainda podemos responder à existência a partir dos valores atitudinais, os quais chamam para a atitude de coragem e valentia para encontrar o sentido do sofrimento, já que o sofrimento sem sentido gera o desespero. Essa tomada de posição é possível graças ao autodistanciamento, pois, ao objetivar o sofrimento, diminui a carga afetiva que impulsiona o mesmo.

Parafraçando o filósofo Comte-Sponville (1999, p. 27), podemos definir essa coragem como sendo a condição de qualquer virtude, não significando a ausência do medo, mas sim a capacidade de superá-lo, quando ele existe, por uma vontade mais forte e mais generosa. “É força de alma, diante do perigo. Já não é uma paixão, é uma virtude, e a condição de todas. Já não é a coragem dos durões, é a coragem dos doces, e dos heróis”.

Sumariando tais valores, Frankl (2003, p. 151) afirma: “o homem realiza criando, os valores criadores; experimentando vivências, os valores vivenciais; e, sofrendo, os valores de atitude”. É através desses valores que o homem busca sentido em sua existência. A vida consiste em uma oportunidade única, singular e irrepitível. Portanto o homem, ao encará-la dessa maneira, está a todo o momento tendo que respondê-la, a fim de configurar, como ser-responsável, a sua área de liberdade, a qual corresponde ao tempo presente.

Na verdade, não podemos questionar sobre o sentido da vida, porque somos nós mesmos que estamos sendo questionados – somos nós que temos de responder às perguntas que a vida nos coloca. E essas perguntas que a vida nos coloca só podem ser respondidas à medida que somos

responsáveis pela nossa própria existência (Frankl, 2010, p. 63).

Ao contrário do que geralmente é apregoado, o homem não deve reagir a estímulos, nem obedecer aos próprios impulsos, mas, sobretudo, responder às questões que a vida lhe coloca e por essa via realizar os sentidos que a vida lhe oferece.

Além do mais, para essa transformação, a cultura surda percebe os valores vivenciais; então, são formadas associações de surdos em todo o Brasil e no mundo, com o intuito de integrar essas pessoas, fortalecendo os laços e contribuindo para o fortalecimento de sua cultura, a conclamação de seus direitos, da divulgação da Libras, organização de torneios desportivos entre pessoas surdas, comemorações de datas festivas, dentre outros objetivos. Segundo Frankl (1978, p. 119): “A dignidade de um homem - de um homem como pessoa - permanece intacta depois da perda da utilidade ocasionada pela perda da desorganização psicofísica da pessoa espiritual”.

O ser humano pode resguardar o seu valor independentemente das condições que tem que viver, inclusive aquelas ocasionadas por problemas de saúde ou de deficiência. O importante é não atribuir essencialidade ao que é secundário, concentrando-se no que falta, naquilo que tenha sido perdido. O que se deve fazer é se concentrar no que resta, no que é possível, no espaço que ainda temos para exercer nossa liberdade (Kroeff, 2012, p. 13).

Os condicionamentos na dimensão somática, na grande parte dos casos, não impede o ser humano de atuar segundo a sua força

motivacional básica, que é, para Frankl, alcançar um sentido, realizando, para isso, valores. Para isto, faz-se necessário que o ser humano apresente uma orientação axiológica paralela, ao invés de piramidal (vertical), pois neste último sistema, se ocorre o desmoronamento do valor superior, todo o resto vem abaixo, e junto desmorona-se a concepção de vida que teria essa pessoa. Isso já não aconteceria com a pessoa que tivesse uma orientação axiológica paralela, pois, “derrubado um valor, outros valores continuariam a dar sustentação e sentido a sua vida”. (Kroeff, 2012, p. 24).

Para Viktor Frankl, a vida é considerada como rica de possibilidades, ao defender que é possível encontrar sentido em quaisquer circunstâncias, especialmente ante o sofrimento, a culpa e a morte (tríade trágica). É devido ao potencial humano que o homem pode transformar-se, isto é, transformar o seu *sofrimento* em uma conquista e numa realização humana, transformando, desse modo, a dor em uma oportunidade de crescimento; encontrar, no sentido de *culpa*, motivação para mudar a si mesmo e para melhor; e, na *mortalidade*, descobrir um incentivo para a realização de ações, com responsabilidade.

A postura de Frankl não é de pessimismo ante esta dimensão humana trágica, mas, sim, realista e até, pode-se dizer, otimista. Ele procura mostrar que há aspectos em nossa condição humana que não podemos mudar, mas que por nossa atitude livre, responsabilmente eleita, podemos transformar a dimensão trágica em lucro, em favor do crescimento humano (Xausa, 2003, p. 84).

Portanto, é importante tornar visível a riqueza das categorias de valores, pois convém que o homem não se fixe perante um determinado grupo de valores, e sim que seja flexível para se deslocar para outro grupo de valores, que se adapte às oportunidades que se lhe oferecem para que possa compreender a possibilidade de sua realização.

Os Destinos Biológico, Psicológico e Sociológico

O que se entende por destino, no uso corriqueiro da palavra, consiste em algo que já estava para acontecer e pode ser percebido com o passar do tempo, no futuro. Para a logoterapia, no entanto, destino refere-se a tudo aquilo que não pode ser mudado, escolhido e, portanto diz respeito às limitações que são impostas ao homem pelas disposições, isto é, fatores biológicos, pela condição, fator sociológico ou por fatores psicológicos.

O destino biológico diz respeito às disposições físicas, orgânicas e, portanto, é imutável. No entanto, o homem pode configurá-lo, uma vez que ele é livre para tomar uma atitude responsabilmente eleita diante dessas disposições. Com efeito, quem considera marcado o seu destino, torna-se incapaz de vencê-lo (Frankl, 2003, p. 127).

E mesmo que a dimensão psicofísica do homem seja ou esteja enferma, a dimensão espiritual ou noética está isenta de adoecer; por isso, em qualquer circunstância, sempre vai estar ao seu dispor a área da tomada de posição, da liberdade, do senso ético, da criatividade etc. para que o homem possa decidir qual atitude tomar diante dessa facticidade psicofísica.

O destino psicológico refere-se ao elemento anímico que contramina a liberdade humana. Frankl (2003) afirma que muitas vezes os doentes neuróticos apoiam-se, no aspecto psicológico, numa fé cega no destino e, por isso, obscurece a área da liberdade.

O destino sociológico, por sua vez, consiste na determinação, influência do meio social, ao que Frankl (2003) afirmou que a comunidade determina o homem sob dois pontos de vista: por um lado, o organismo social como um todo o condiciona e por outro lado e simultaneamente, o homem é orientado para se ajustar ao referido organismo. Ele ainda acrescenta que, no reino dos valores, há valores cuja realização pode e até deve levar-se a cabo independentemente de toda e qualquer comunidade humana.

Como foi possível perceber ao longo da história dos Surdos escrita no capítulo 1, a maneira como eram considerados em determinadas épocas, como “seres rudimentares”, “não educáveis”, etc., essas concepções fazem parte de um destino social, além do destino biológico, marcado pela perda ou déficit auditivo.

Conclui-se que, apesar das limitações que lhe são impostas pelos fatores biológicos, psicológicos e sociológicos que compõem o destino do homem, ele pode modificar a realidade presente pela realização de valores de atitudes, variáveis e mutáveis ao longo da existência.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Local e Participantes da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com 200 Surdos de 9 estados do Brasil. Paraíba (69%), Rio Grande do Norte (5,5%), Pernambuco (3,5%), Ceará (4%), Rio Grande do Sul (4,5%), Paraná (4,5%), Minas Gerais (2%), São Paulo (5%) e Mato Grosso (2%).

O critério de inclusão consistiu em pessoas Surdas escolarizadas, com idade superior a 18 anos e utilizar a Língua de Sinais (Libras) como forma de comunicação. Desse modo, a amostra foi composta por 200 Surdos, de ambos os sexos, sendo 116 do sexo masculino, totalizando 58% da amostra. A idade dos participantes oscilou entre 18 e 56 anos de idade, sendo a média de 28,6 (dp= 7,16).

Quanto às opções religiosas: 40% da amostra se autodenominaram católica; 33%, evangélicos; 3%, espíritas; 2%, testemunhas de Jeová; 1%, adventista do sétimo dia; e 21% se denominaram integrantes de outras religiões. Em relação ao estado civil: 66% responderam serem solteiros; 24,5%, casados; 5,5%, separados; e 4% referiram-se a outro tipo de relacionamento. Da amostra, 50,5% dos participantes trabalham. A maioria (72%) apresenta a surdez congênita. 74% não têm filhos e 51,5% da amostra apresenta escolaridade do segundo grau, concluído ou cursando, e 61% das famílias dos Surdos participantes da pesquisa não sabem Libras.

Procedimentos Éticos

A *priori*, o projeto foi previamente submetido à apreciação por meio da Plataforma Brasil, a qual é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/CONEP. A pesquisa

foi aprovada por unanimidade sob o protocolo de número 0215/13 e CAAE: 03553712.2.0000.5188. Além de, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi oferecido aos participantes a ciência de que a sua participação no estudo era voluntária, e caso decidisse não participar do estudo ou resolver, a qualquer momento, desistir do mesmo, não sofreria nenhum dano.

Procedimentos para Coleta de Dados

Para atingir o objetivo da pesquisa, foram utilizados dois meios para a coleta de dados, quais sejam: o caderno de questionário impresso, aplicado com os Surdos locais, isto é, das Associações de João Pessoa-PB (ASJP) e de Campina Grande-PB (ASCG); bem como na sede da FUNAD, na Escola de Audiocomunicação de Campina Grande-PB, em eventos desportivos que reuniam Surdos de diversas cidades do Nordeste, como também nos demais locais em que a comunidade surda se encontrava semanalmente, a exemplo do Shopping Tambiá, em João Pessoa, às quintas-feiras a partir das 17 horas, dia e horário “sagrado” para a maioria dos Surdos que partilham da cultura surda.

E, utilizando-se de um meio midiático, o mesmo caderno de questionário foi divulgado em um *site* próprio exclusivo para a apuração dos dados referentes aos Surdos que tivessem acesso à internet, objetivando alcançar participantes de outros estados brasileiros. O *site* foi construído a partir da tecnologia *Google docs*, especificamente o recurso *forms*. Os formulários do *Google* são ferramentas úteis que ajudam a enviar uma pesquisa ou colher informações de forma direta e fácil. É conectado

automaticamente a uma planilha com o mesmo título, onde são coletadas as respostas.

Dos 200 participantes, 68 Surdos responderam por meio do *site* e 132 a partir do caderno de questionário impresso.

Os questionários foram adaptados para facilitar a compreensão dos participantes. Foi utilizado o “Sistema de notação em palavras”, o qual vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e também no Brasil. É assim chamado, porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais (Felipe, 2009). Os sinais da Libras foram apresentados por itens lexicais da Língua Portuguesa em letras maiúsculas, com a convenção de transcrição em glosa (escrita em português, mas na ordem gramatical da língua de sinais). Ter os questionários impressos na língua portuguesa, mas no registro gramatical de uma língua visual, justifica-se pela necessidade de um maior entendimento do sentido das questões, uma vez que a pesquisa se destinou exclusivamente à cultura surda.

Assim, este estudo foi desenvolvido, aplicando-se as seguintes etapas metodológicas: *Primeira etapa*: tradução do Questionário Sentido de Vida para o sistema de notação em palavras, realizada pela autora. *Segunda etapa*: *Back-translation*, em que a versão traduzida do questionário passou pela retrotradução ao idioma de origem, ou seja, a Língua Portuguesa. Essa etapa foi realizada por uma intérprete de Libras certificada pelo MEC. *Terceira etapa*: Aplicação de um questionário-piloto da versão adaptada para a Libras por um grupo de três

Surdos. Esta etapa teve o objetivo da verificação da equivalência semântica da versão adaptada das escalas. Identificou-se um indicador do instrumento adaptado que não demonstrou equivalência semântica com a escala original, qual seja: na Escala QSV, os termos “sentido minha vida” não ficou claro para os Surdos, já que eles interpretavam o sinal de “sentido” como sentir, apenas, então, após explicação do significado da expressão original, eles sugeriram a substituição pelo termo “objetivo minha vida”. Por último, em uma *Quarta Etapa*, com o QSV e o questionário sociodemográfico, foi solicitado que outra profissional intérprete de Libras, certificada pelo MEC, fizesse uma revisão geral. Foi um momento de fechamento da adaptação, onde pequenos ajustes foram realizados.

Sendo assim, a adaptação dos questionários para a coleta de dados passou por um processo cauteloso, a fim de facilitar o entendimento da amostra pesquisada.

Segue-se uma explanação sucinta acerca dos questionários utilizados:

A Escala de Sentido de Vida: Steger *et al* (2006) buscaram desenvolver uma nova medida de sentido da vida na qual discriminam duas dimensões: a busca e a realização de sentido. A busca do sentido refere-se àquelas pessoas que estão tentando compreender ou aumentar o propósito de sua vida, enquanto que a realização refere-se àquelas que estão engajadas em um sentido ao longo da vida. Os autores definem o sentido na vida como aquilo que faz sentir que a vida possui um sentido na existência do próprio ser humano levando em conta o seu próprio critério de significado.

E o Questionário Sociodemográfico objetivou conhecer os dados pessoais relevantes para o objeto da pesquisa, tais como sexo, idade, escolaridade, estado civil, religião etc.

Procedimentos para Análise de Dados

Após a coleta dos dados, os resultados foram codificados no programa estatístico PASW, versão 18. Inicialmente, foram efetuadas análises descritivas, tais como médias e desvios padrões.

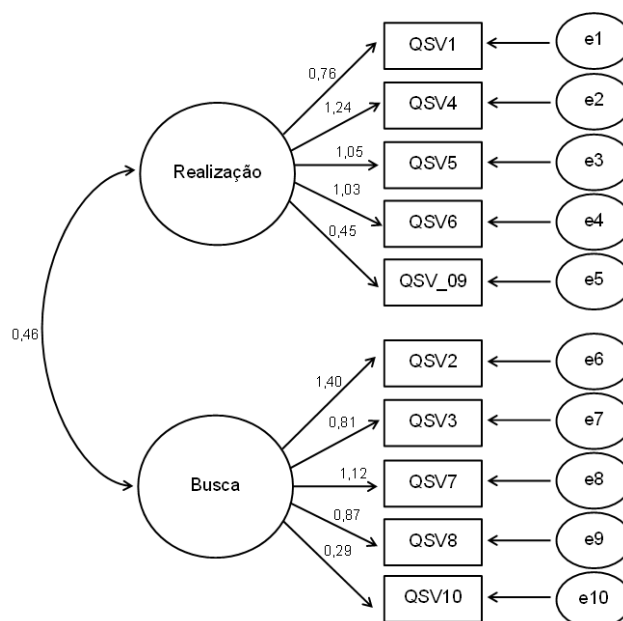
Os seguintes programas estatísticos foram usados para realizar as análises estatísticas dos dados: AMOS e PASW (ambos em suas versões 18). Com o AMOS foram realizadas as análises fatoriais confirmatórias (AFCs), procurando (a) testar a hipótese de conteúdo, (b) checar a validade de construto (validades convergente e discriminante, e confiabilidade composta) e (c) invariância fatorial (Byrne, 2010; Joreskog&Sörbom, 1989).

Sobre a Escala de Sentido de Vida

No tocante à análise do Questionário Sentido de Vida, inicialmente comprovou-se fatoriabilidade dos itens do questionário por meio do KMO = 0,74 e do Teste de Esfericidade de Bartlett, χ^2 [191] =514,257; $p < 0,001$.

Decidiu-se realizar análises fatoriais confirmatórias. Inicialmente foi considerado o modelo original (bifatorial), o qual apresentou os seguintes alfas de Cronbach: o fator 1 (realização de sentido) reuniu 5 fatores e apresentou a consistência interna de 0,68 ($m=27,04$; $dp= 5,20$), e o fator 2 (busca de sentido) reuniu 5 fatores e obteve o $\alpha =0,73$ ($m=24,82$; $dp=5,67$). A figura 1 descreve o modelo testado no contexto da cultura surda:

Figura 1 Modelo do QSV testado no contexto da cultura surda



Destaca-se que todas as saturações (*lambda*) foram estatisticamente diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $t > 1,96$, $p < 0,05$), apresentando valor médio de 0,90, variando de 0,29 (EU ESTAR-PROCURAR UM OBJETIVO MINHA VIDA) a 1,40 (EU PROCURAR COISA MINHA VIDA TER OBJETIVO).

Esse modelo foi contrastado com outro modelo alternativo, formado por diferente estrutura fatorial (unifatorial). O modelo original (bifatorial) apresentou os seguintes indicadores de ajuste: $\chi^2 / \text{g.l.} = 2,80$; $GFI = 0,92$, $CFI = 0,87$, $RMSEA (IC90\%) = 0,10 (0,07-0,12)$, $ECVI = 0,69$ e $CAIC = 227,49$ (Tabela 4).

Tabela 1 *Indicadores de Ajustes dos Modelos no contexto da cultura surda*

Indicadores	Número de Fatores	
	Dois	Um
χ^2	95,23	189,98
<i>gl</i>	34	35
χ^2 / gl	2,80	5,43
GFI	0,92	0,81
AGFI	0,87	0,71
CFI	0,87	0,67
RMSEA	0,10	0,15
(CI90%)	(0,07-0,12)	(0,13-0,17)
CAIC	227,49	315,95
ECVI	0,69	1,156
$\Delta\chi^2 (\text{gl})^*$	-	94,75 (1)*

Nota: n=200.

Modelos fatoriais: 2 fatores (modelo original) e 1 fator. * $p < 0,001$.

Como é possível observar nesta tabela, com o modelo original (dois fatores) e alternativo (um fator), o $\Delta\chi^2$ com seus respectivos graus de liberdade (*gl*) se apresentou significativo, com menor valor de qui-quadrado para o modelo original. Portanto, parece plausível pensar que os 10 itens do Questionário Sentido de Vida podem ser representados adequadamente por dois fatores, corroborando a hipótese original proposta por Steger *et al* (2006).

DISCUSSÃO

Segundo Steger *et al* (2006), o Questionário Sentido de Vida discrimina duas dimensões: a busca e a realização de sentido. A busca do sentido se refere àquelas pessoas que estão tentando compreender ou aumentar o propósito de sua vida, enquanto que a realização diz respeito àquelas que estão engajadas em

um sentido ao longo da vida. Estes autores definem o sentido na vida como aquilo que faz sentir que a vida possui um sentido na existência, levando em conta o seu próprio critério de significado.

No estudo realizado por Aquino *et al* (2013) em uma cultura de ouvintes, a média dos alfas de Cronbach no modelo bifatorial (original) do QSV foi de 0,87, enquanto que no contexto da cultura surda foi de 0,71, assim, pode-se inferir que a média dos índices de consistência interna do QSV foram satisfatórios, pois foram acima do ponto de corte comumente recomenda na literatura, ou seja, $\alpha \geq 0,70$ (Nunnally, 1991; Pasquali, 2003). Indica-se, então, que este instrumento poderá ser adequadamente empregado em pesquisas envolvendo a cultura surda.

Conforme se observa nos resultados, coerente com a proposta de Steger *et al* (2006), o Questionário Sentido de Vida apresenta dois fatores, nomeados como realização *de sentido* e *busca de sentido*. Os indicadores de ajuste da análise fatorial confirmatória atenderam ao que tem sido estabelecido na literatura (Byrne, 2010; Garson, 2003), sendo a solução bifatorial a única adequada; tendo em vista que a unifatorial se mostrou pouco plausível. Além disso, os coeficientes de consistência interna dos dois fatores foram acima do ponto de corte recomendado na literatura (Pasquali, 2003). Portanto, existem evidências de validade fatorial e precisão desta medida no contexto da cultura surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura surda vem atuando como um conceito e tomando significado de língua, essência, experiência visual, tradução cultural, entre outros. Apesar de a experiência visual ser um dos artefatos mais decorrentes ao se descrever a cultura surda, ela é vivida, sentida e significada de uma forma única, pois toda a construção de mundo se dá a partir do visual.

Segundo Geertz (1989), cultura significa uma teia de significações compartilhada por um grupo de humanos. Dessa forma, concebe-se a existência de uma cultura surda, já que a mesma compartilha símbolos tecidos por ela mesma e que são fundamentais para a constituição do sujeito surdo.

Foi possível perceber as premissas sobre a concepção de homem na Logoterapia, que perpassam pela definição do homem como ser espiritual-pessoal e como ele é capaz de se autodeterminar. Ressalta-se que o homem se orienta, primariamente, para o sentido e os valores, destacando a autotranscendência como matéria pertencente de forma essencial ao ser do homem.

Partindo-se do imaginário e das representações construídas sobre a surdez e os próprios surdos, percebe-se uma imagem carregada de situações de poder, possibilidades e limites que os excluem em função da perda sensorial, uma perda que se amplia e se torna também uma perda educacional e social. Por outro lado, dentro da cultura surda é possível observar uma resposta à existência, a partir dos valores atitudinais, os quais chamam para a

atitude de coragem e valentia para encontrar o sentido do sofrimento.

Diante do exposto, considera-se, de forma geral, que o objetivo proposto para esta pesquisa tenha sido alcançado e podemos afirmar que existem evidências de validade fatorial e precisão do Questionário Sentido de Vida para o contexto da cultura surda.

Portanto, pode-se concluir que aqueles que encaram a sua condição biológica como uma oportunidade para a constituição de uma cultura própria e o fortalecimento de sua identidade, revelam mais empenho e vontade para viver uma vida com significado, isto é, com sentido.

REFERÊNCIAS

- Aquino, T. A. A. (2013). *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with Amos: Basic concepts, applications and programming*. New York: Routledge.
- Chaves, A. B. (2010). *Valores do trabalho em deficientes auditivos: existe equivalência de estrutura da EVT-R?* Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Brasília (UCB).
- Comte-Sponville, A. (1999). *Pequeno tratado das grandes virtudes*. Ed. Martins Fontes, São Paulo.
- Cromack, E. M. P. C. (2004). Identidade, Cultura Surda e Produções de Subjetividades e Educação: atravessamentos e implicações sociais. *Rev. Psicologia Ciência e Profissão*.
- Dorziat, A. (2011). *Estudos Surdos: diferentes olhares*. Porto Alegre: Mediação.
- Felipe, T. A. (2009). *Libras em contexto: curso básico*. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (2010). *O que não está escrito nos meus livros: Memórias*. São Paulo: É Realizações.
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Garson, G. D. (2003). PA 765 Statnotes: An online textbook. Disponível em: <http://www2.chass.ncsu.edu>. Acessado em 20 de junho de 2013.
- Geertz, C. (2012). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Gesser, A. (2009). *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial.

- Honora, M.; Frizanco, M. L. E. (2009). *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural.
- Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. IBGE. (2012). *Censo Demográfico 2010: resultados gerais da amostra*, Rio de Janeiro.
- Jöreskog, K. G.; Sörbom, D. (1989). *Lisrel 7 user's reference guide*. Mooresville, IN: Scientific Software.
- Karnopp, L.; Klein, M.; Lunardi-Lazzarin, M. L. (2011). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA.
- Kroeff, P. (2012). *Possibilidades e desafios da pessoa com deficiência: contribuições da logoterapia e da teoria sistêmica*. Ribeirão Preto: IECVF.
- Lopes, M. C. (2007). *Surdez & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Nunnally, J. C. (1991). *Psychometric theory*. Nova York: McGraw-Hill.
- Padden, C; Humphries, T. (1998). *Deaf in America: voices from a culture*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Vozes.
- Peixoto, J. A. (2011). *O conceito de sagrado em surdos congênitos: um estudo na língua brasileira de sinais* (Dissertação de Mestrado). João Pessoa.
- Sá, N. L. (2006). *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas.
- Silva, A. S. C. (2012). *Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome.
- Steger *et al.* (2006). The meaning in Life Questionnaire: Assessing the presence of and search or meaning in life. *Journal of Counseling Psychology*, 53, 80-93.
- Vasco, E. (2009). *Características das intervenções psicoterapêuticas realizadas por psicólogos com sujeitos surdos*. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).
- Veloso, E; Maia, V. (2011). *Aprenda Libras com eficiência e rapidez*. Curitiba-PR: Editora Mão Sinais.
- Xausa, I. A. M. (2003). *O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Enviado em: 12/08/2014

Aceito em: 30/10/2014

SOBRE OS AUTORES

Karen Guedes Oliveira. Mestre em Ciências das Religiões (UFPB); Pós Graduação *Latu Sensu* em Psicopedagogia- em conclusão (ESAB); Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. Participante do grupo de pesquisa *Nous: Espiritualidade e Sentido*- UFPB. Primeira Secretária da Associação de Logoterapia e Análise Existencial (ABLAE). Professora Titular da Faculdade Maurício de Nassau.

Thiago Antônio Avellar de Aquino. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba e doutorado em Psicologia pela mesma instituição. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba do departamento de Ciências das Religiões; professor credenciado do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões; é também líder do grupo Nous: Espiritualidade e Sentido.